



FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International Board on Books for Young People **iBbY**

Notícias 11

Nº. 11 Vol. 20 - Novembro de 1998

Em outubro, o projeto Ateliê do Artista 98 recomeçou com todo o gás, agora no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro. O projeto é uma criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e da EMC – Empresa de Marketing Cultural, viabilizado pela segunda vez pela parceria com o jornal *O Dia*, com o apoio da Lei de Incentivo Fiscal, do Ministério da Cultura. O projeto consiste em realizar encontros de escritores e ilustradores com alunos da rede pública municipal.

A idéia é que cada profissional do livro infantil fale um pouco sobre seu trabalho, como tem as idéias, e tudo que envolve o processo criativo.

O Ateliê é decorado com escrivaniha, prancheta, máquina de escrever, pincéis e tudo que lembre o ambiente de um escritor e de um ilustrador.

Antes dos encontros, as crianças têm contato com a obra do artista, para poderem fazer mais perguntas e assim tornar o encontro proveitoso.

Participam do projeto 41 escolas dos



Projeto de Incentivo à Leitura

no Jardim Botânico

bairros da Glória, Catete, Laranjeiras, Cosme Velho, Lagoa, Jardim Botânico, Gávea e Rocinha. Além de cada aluno ganhar um livro, as escolas recebem 54 livros para suas bibliotecas. São ao todo cerca de 7.000 exemplares.

A novidade da 2ª edição do projeto é que os artistas mineiros também estão participando: Marilda Castanha e Nelson Cruz, que vieram com o apoio da Editora Dimensão, além de Ana Raquel, Mary e Eliardo França que assumiram o

deslocamento para participar do Ateliê.

Os autores que estão participando do projeto e seus livros indicados são os seguintes:

Escritores: Anna Cláudia Ramos, com *Mula sem cabeça*; Ana Maria Machado, com *Menina bonita do laço de fita* e *A peleja*; Lucia Fidalgo, com *O menino bom*; Luciana Sandroni, com *Minhas memórias de Lobato* e *Falta um pé*; Mary França, com *Fábulas 1*; Nilma Gonçalves Lacerda, com *As fatias do mundo*; Roseana Murray, com *O mar e os sonhos*; Rogério Andrade Barbosa, com *Viva o boi bumbá!*, e Bia Hetzel com *Rosalina*.

Ilustradores: Ana Raquel, com *Ver de ver* e *O jardim dos animais*; Claudius Ceccon, com *Uma arara e sete papagaios*; Eliardo França, com *Fábulas 2*; Elvira Vigna, com *Problemas com o cachorro?*; Ivan Zigg, com *Na porta da padaria*; Marilda Castanha, com *O mapa*; Nelson Cruz, com *Leonardo*; Regina Yolanda, com *Terra do descobrimento* e *O siri patola*; Roger Mello, com *Maria Teresa e Uma história de boto vermelho*.

FNLIJ NO CANAL FUTURA VIA SATÉLITE

Uma ótima novidade é que o Canal Futura, lançado em setembro do ano passado, agora alcança um maior número de pessoas, pois passou a ser captado também por antenas parabólicas. São atualmente 50 mil escolas públicas com esse tipo de antena que agora podem assistir a programação do Futura.

A FNLIJ, além da consultoria permanente que presta ao programa *Tirando de Letra* orientou a sua concepção no sentido de como deve ser a abordagem da leitura na televisão para o público jovem. Já no *Nota 10*, direcionado para professores a FNLIJ apresenta um quadro semanal sobre literatura infantil, no qual já foram entrevistados Ana Maria Machado, Ziraldo e a especialista portuguesa em literatura para crianças, Maria José Sotto Mayor. Neste programa a FNLIJ já apresentou mais de trinta títulos de literatura infantil.

No *Tirando de Letra*, artistas como Gal Costa e Toni Belloto são entrevistados e falam das suas preferências literárias; e há um quadro sobre livros adaptados para o cinema, como *O que é isso companheiro* e *Policarpo Quaresma*. No quadro Artes e Ofícios, os entrevistados são os escritores. Além disso, atores declamam poemas ou trechos de livros. Há também matérias sobre bibliotecas e dicas e comentários sobre livros que a FNLIJ indica.

O *Tirando de Letra* é um programa dinâmico e atraente, produzido pela IDECO, de Belo Horizonte. Apresentado semanalmente com 4 reprises é o único programa da televisão brasileira dirigido ao jovem, em que o tema é a literatura e a leitura.

Notícias

acontece

NACIONAL

- O boletim *Proleitura*, da Unesp, de junho/98 lembrou os 30 anos da FNLIJ divulgando seu trabalho e endereço para contato.
- A Fundação recebeu o livro *A situação do livro e das bibliotecas em Juiz de Fora*, organizado por Lygia Dias de Toledo. O livro é o resultado de uma mesa-redonda feita em comemoração à Semana do Livro e da Biblioteca em outubro de 1996.
- Faleceu no dia 29 de setembro o professor Manoel Machado dos Santos, que foi membro do conselho diretor da FNLIJ durante muitos anos. O professor, diplomado bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, foi reitor da Universidade Católica de Petrópolis e era responsável pelos programas *Cinco minutos de antologia* e *O tempo e a palavra*.

Concurso UMA CARTA PARA LOBATO

A Fundação não parou de receber cartas para o concurso

“Mande uma carta para Lobato”, promovido com o apoio da Bloch Educação. Até o começo de outubro já tinham chegado cerca de 3.700 cartas.

Agora a equipe da FNLIJ começará a avaliar os trabalhos. Os prêmios para os vencedores serão livros doados pela FNLIJ e por editoras.

UNESCO, FNLIJ E PROLER

A Unesco solicitou que a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil organize o encontro latino-americano e caribenho, sob o tema *A Leitura Para Todos*, no Rio de Janeiro, a realizar-se de 9 a 11 de dezembro de 1998.

Tudo começou em Aswan, Egito. A secretária-geral da FNLIJ, Elizabeth Serra, foi convidada pelo Ministério da Cultura para representar o Brasil, pela Fundação e pelo PROLER, no primeiro encontro “Painel Internacional de Leitura Para Todos”, realizado pela Unesco e pelo governo egípcio sobre promoção de leitura, com a presença de representantes do Senegal, Marrocos, Trinidad y Tobago, África do Sul, Bulgária, Filipinas e Estados Unidos.

Ficou decidido que o encontro teria continuidade em outros continentes para que a discussão se enriquecesse. Serão convidados especialistas de cada país para discutir e trocar idéias e experiências de projetos de promoção do livro e estímulo ao hábito da leitura, como a preparação e manutenção de bibliotecas.

O encontro acontecerá em continuidade ao 5º Encontro Nacional de Avaliação e Perspectivas 1999 do PROLER, de 7 a 9 de dezembro.

JORNAL NA EDUCAÇÃO

O Jornal na Educação é um projeto do Comitê de Leitura e Circulação da Associação Nacional de Jornais, que promove os programas Jornal na Educação e as edições anuais do suplemento *Ler*. São vários os jornais, de diversos estados do Brasil, que participam: *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *Zero Hora*, *A Tribuna*, *Correio Popular*, *Correio Brasiliense*, *Diário de Pernambuco*, entre outros.

Iniciado pelos jornais *Zero Hora* (ZH na sala de aula) e *O Globo* (*Quem lê jornal sabe mais*) nos anos 80, o projeto se ampliou na década de 90, visando o incentivo da leitura do jornal entre crianças e jovens.

O programa oferece às escolas interessadas palestras, oficinas pedagógicas para despertar o interesse dos professores, antes da implantação do projeto. Para mais informações, ligue para a Associação Nacional de Jornais, pelo telefone (061) 223-7488 ou pelo fax (061) 266-3698; ou passe um e-mail para anj@anj.org.br.

50 ANOS SEM LOBATO

- *Monteiro Lobato: 50 anos de atualidade* é a exposição inaugurada em outubro, no BNDES, no Rio de Janeiro. A exposição conta com as principais obras e uma série de desenhos em nanquim, aquarelas, caricaturas e fotos produzidas pelo próprio autor.

- A TV Cultura apresentou no dia 12 de outubro um especial sobre Lobato, baseado no livro *Monteiro Lobato: um furacão na Botocúndia* (Edi-

tora Senac). O programa, além de mostrar muitas fotos de Lobato, teve os depoimentos de Zivaldo, Ruth Rocha, Nely Novaes Coelho e Tatiana Belinky, entre outros.

- As escolas Centro Educacional de Niterói, Aldeia Curumim e Miraflores, todas de Niterói-RJ, homenagearam Lobato com feira de livros, exposições de desenhos, bonecos, encontros com autores e contadores de história.

RECOMENDAÇÕES

A Editora Martins Fontes acabou de publicar uma boa fornada de livros do escritor alemão Michael Ende. Impossibilitado de cursar a universidade, por questões financeiras, Ende desempenhou trabalhos como diretor, ator e roteirista de teatro. Fez crítica de cinema e recebeu, em 1961, o Prêmio Alemão de Literatura Infantil pelos livros da série Jim Knopf. Muitos de seus livros foram filmados ou adaptados para a televisão e o cinema, como o conhecido **A história sem fim**.

Recebeu inúmeros prêmios e suas obras foram traduzidas para mais de 30 idiomas.

Em 1995, Ende faleceu e deixou de herança para a Biblioteca Internacional da Juventude de Munique um grande acervo de livros. Para homenageá-lo, a Biblioteca criou, em um castelo próximo à sede central, o Museu Michael Ende. Vamos analisar aqui três livros da coleção.

Dagoberto Dobradura, Michael Ende.

Ilustrações de Christoph Hessel. Tradução de Vera Barkow. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

Aqui Ende utiliza uma brincadeira de animais para transmitir às crianças algumas idéias que valorizam a simplicidade e a natureza. O personagem principal, Dagoberto Dobradura, era um elefante velho e sábio que tinha pensamentos muito bonitos. Trava-se uma competição entre os bichos, com uma partida de futebol pela Copa do Mundo. Dagoberto acaba jogando futebol contra o time das moscas!

Valores como arrogância, orgulho e inveja são dissecados pelo autor que não poupa a vaidade humana, aqui metamorfoseada nos animais. O texto, narrado com fluidez, é sustentado por um *nonsense* peculiar ao universo da criança. O que parece absurdo para o mundo racional, como um elefante disputando com moscas, ganha um sentido simbólico no contexto da literatura.

Christoph Hessel, ilustrador da obra, é alemão e trabalha na área de Educação Artística.

As ilustrações, ricamente trabalhadas em nanquim a quatro cores, exploram o horrível, em feições desproporcionais e absurdas. O feio, elemento presente nas histórias para crianças, pode ser um primeiro contato com o imaginário, que permite a compreensão do lado escuro e terrível da vida, que se opõe ao que é belo.

Norberto Nucagrossa, Michael Ende. Ilustrações de Reinhard Michl. Tradução de Vera Barkow. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

Diferente da história anterior, **Norberto Nucagrossa** traz um personagem mal humorado e desconfiado. Este rinoceronte, que vivia criando problemas com os outros animais, arrumou muita confusão e acabou ficando sozinho.

É uma lição contra a prepotência e o autoritarismo, transmitida por meio das relações entre os animais. Como na fábula, a identificação do leitor se estabelece pelas vias indiretas da fantasia. O autor, ao utilizar animais como os personagens de sua história, facilita as associações que a leitura promove.

O ilustrador da obra é Reinhard Michl, artista que mora em Munique, na Alemanha.

As ilustrações, em cores que delineiam traços bem realistas, estão construídas com movimento. O ilustrador trabalha as feições de cada personagem traduzindo espanto, surpresa, insatisfação. A exploração do tom amarelado lembra as cores de uma planície africana. Logo, a criança é transportada para um cenário de imaginação, de fantasia.

Olá, olê, Beto por quê? Michael Ende. Ilustrações de Bernhard Oberdieck. Tradução de Vera Barkow. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

“Por quê?” é uma questão que faz parte desde cedo do repertório de perguntas e dúvidas das crianças. Nesta história, o autor explora a expressão por quê, criando uma narrativa absurda, em que uma pergunta curiosa de Beto vai gerar uma explicação do seu tio que desenrola muitos casos. A linguagem das palavras é trabalhada em sintonia com o conteúdo, cercado de curiosidades e de brincadeiras.

A fantasia, *ononsense* e a ludicidade estão presentes em todo o novelo de histórias que conta o tio Eduardo. Aparecem palhaços de circo, corpo de bombeiros, velhinhas grã-finas, o Professor Turbinas ... e muito mais! São surpresas que não acabam e brotam a cada curiosidade da criança.

E as perguntas, cheias de dúvidas da criança, se transformam em histórias engraçadas, cheias de sentido no mundo do imaginário, do sonho. Isso acontece porque a criança vai construindo seus valores por meio da investigação que estabelece com as pessoas e as coisas.

Bernhard Oberdieck, artista alemão com mais de 80 livros ilustrados, é o ilustrador desta e da obra **O ursinho de pelúcia e Os animais**.

As imagens exploram a brincadeira e o jogo, reproduzindo cenas inusitadas. O ilustrador consegue um resultado bem humorado com ilustrações ora de página inteira, ora localizadas nos cantos. Sentimentos e expressões são capturados pelo pincel do artista que transpõe as páginas e contagia o leitor, levando-o para dentro de histórias sem fim.

EMILIA GALLEGO NO BRASIL

Aproveitando uma viagem à Argentina, a FNLIJ convidou a presidente da seção cubana do IBBY, Emília Gallego, para vir ao Brasil. Ela esteve na Casa da Leitura e participou da Semana de Educação da UERJ, a convite de Jane Paiva e foi a Belo Horizonte, com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura e da Câmara Mineira do Livro, onde realizou duas palestras.

A vinda de Emília possibilitou discutir os preparativos do Congresso de Leitura, que se realizará em Cuba em 1999, e a Fundação será promotora do evento no Brasil.

Nesta entrevista, Emília nos falou um pouco sobre a situação do livro infantil em Cuba e sobre suas impressões sobre o Brasil.

N – Como está a literatura infantil em Cuba?

Emília – Podemos ver a literatura infantil hoje em Cuba sob dois pontos de vista: um deles seria a produção dos escritores, ou seja, os escritores estão escrevendo muito, pouco ou nada. E o outro ângulo, também muito importante, é a questão da publicação. Como todo mundo sabe, neste momento, Cuba tem uma situação de dificuldades econômicas. Nos anos anteriores, o mundo editorial cubano tinha diminuído sua produção, em comparação a períodos anteriores em que Cuba havia produzido mais que outros países. Levando em conta nosso tamanho, nosso nível econômico, a quantidade de habitantes, em épocas anteriores, antes dos anos 90, o país publicou muita literatura, excelente literatura, de toda parte, em condições e quantidades extraordinárias. A partir daí, a situação ficou paralisada, agora retraída. Desde o início deste ano, final do ano passado, notamos que há um espécie de recuperação lenta, e isso também se observa no campo editorial. O Presidente do Instituto Cubano do Livro afirmou, em mais de uma ocasião, que não é mais possível que o Estado cubano subvencie toda a literatura que se publica, como fazia; e neste momento não há outra opção, senão publicar de uma maneira, senão restringida, racionalizada. As autoridades editoriais cubanas se baseiam no seguinte: todo mundo sabe que há um tipo de literatura que se vende de imediato e todo mundo sabe que há um outro tipo de literatura que se vende menos; e todo mundo sabe, também, que não necessariamente esta lei de mercado tem a ver com qualidade. Não com a qualidade, mas com o gênero; então, por exemplo, uma novela policial, que não seja muito boa, não por ser policial, mas por ser um tipo

de literatura que se consome em qualquer parte, é que vai vender muito. Porém, há gêneros como a poesia ou o ensaio – ainda que em Cuba se leia muita poesia, muito ensaio –, que sempre vão ter um público mais restrito que outros gêneros. Diante disso, a política editorial cubana tem analisado a situação e o Estado, então, se propõe a publicar esta literatura, que desde o princípio se sabe que irá ter uma boa venda, para manter, beneficiar a publicação desta outra literatura que não é tão competitiva numa estante de livraria, mas que é necessária. De tal maneira que a literatura cubana, de pensamento cubano, de diferentes gêneros, como o ensaio e a poesia não faltem nas livrarias, graças ao apoio dessa outra literatura.

N – E a literatura infantil?

Emília – Em Cuba acontece a mesma coisa que em qualquer lugar. A literatura infantil que se publica em Cuba se vende de imediato. Há uma tradição de leitores. As crianças têm seus pais, sua família, que compram seus livros e compram para as crianças, são leitores e portanto o livro para crianças que se publica vai vender rápido. Em épocas anteriores esta mesma grande produção da literatura infantil trouxe obras de excelente qualidade, outras não tão boas e outras... Os cubanos estão cada vez mais exigentes nesse sentido, ou seja, há menos possibilidade de publicar. Há uma escassez de papel, não se vão publicar seis, sete títulos, se não forem de alta qualidade. O mercado editorial tem que ser muito mais exigente. Por outro lado, recordo, por exemplo, um título, *O cocheiro azullain, de Dora Alonso*, que já teve tiragens de 1 milhão de exemplares, hoje em dia impensáveis. Hoje é muito menor, dois, três mil exemplares. O que o Estado faz nesse sentido é tratar de repartir esta publicação de

maneira mais equitativa, garantir que tenha o livro nas bibliotecas públicas, nas bibliotecas escolares. Neste momento há um propósito de publicar periodicamente títulos clássicos da literatura infantil cubana, clássicos universais e clássicos latino-americanos para distribuição a essas bibliotecas escolares para que tenham esses livros, de maneira que não falem os melhores livros de literatura infantil cubana e universal e especificamente latino-americana.

Entretanto, essa retração editorial não significou nunca uma retração dos escritores. Os concursos mais importantes se mantiveram. O que aconteceu é que o prêmio era exatamente a publicação, e as editoras tinham um atraso de 4, 5 anos, e às vezes mais. Este ano, a editora Unión, do autor cubano, que publicava de preferência um texto premiado, que seria muito mais lido, conseguiu colocar as publicações em dia. Editoras como a Gente Nova estão tratando de resolver este assunto. Então, os escritores continuam escrevendo, com essa angústia indiscutível, que todo autor tem: escreve um livro e manda para um concurso, torcendo para que seja premiado, ou o apresenta a uma editora, torcendo para que seja aceito e não imagina que o livro não saia. O livro pode acabar não sendo publicado. Mas o escritor não se deprime, acho que fica mais entusiasmado, e escreve confiando que as editoras não se sujeitem a essas restrições. Espera que as editoras, junto com a agência literária latino-americana, que divulga os escritores no exterior, procurem contatos com editoras estrangeiras. Não é fácil, com essas leis de mercado, que incentivam as editoras a publicar o que é seguro. No caso cubano, se não é conhecido no Brasil, na Argentina, na Venezuela ou na Colômbia, essa editoras preferem publicar o que é conhe-

cido, o que é mais seguro, ou seja, não é fácil penetrar no mercado internacional. Mas nós, os cubanos, estamos tentando.

N – Como está a seção cubana do IBBY?

Emilia – Esta é outra coisa que é preocupante; a seção cubana do IBBY – a seção de literatura infantil da Uniac -, junto com outras organizações, está fazendo o possível para resolver o problema da entrada de livros de outros países, que não chegavam. O escritor cubano, como qualquer outro escritor, necessita se retroalimentar, conhecer outras literaturas. Um escritor não pode se limitar a conhecer só a sua literatura. E em Cuba, se não há muito dinheiro para publicar, tampouco há dinheiro para comprar. A seção do IBBY cubano fundou um centro de documentação que praticamente está se nutrindo dos livros que os escritores nos presenteiam. É essa a nossa situação. Mas nós somos difíceis de nos deprimir, quando não é possível de uma forma buscamos um outro caminho.

N – Como é o apoio que o governo cubano dá ao livro infantil?

Emilia – O apoio estatal segue o princípio de que a educação é um direito de todos, o livro deve estar ao alcance de todos. O governo tem consciência de que o livro para criança é fundamental. Se ainda não é leitor quando pequena, há menos possibilidade de incorporar este gosto depois. Mas o momento mais importante é esse, da infância. Esta é uma literatura que se está privilegiando por todos os meios possíveis, mas é uma literatura cara. Nós nos perguntamos até que ponto temos que seguir estas leis de mercado, se necessariamente tem que ser assim, livros luxuosíssimos, profusamente ilustrados... Como temos uma situação diferente, difícil, vemos de outro ponto de vista, estamos pensando muito em livros com ilustrações em preto e branco, privilegiando o texto. Estamos buscando mecanismos que permitam essa continuidade das publicações, mais simplificadas. Organizações como o IBBY se mantêm em constante diálogo com as editoras, nada de uns andarem por uma parte e os escritores por outra, temos que conciliar isto. Existe, há alguns poucos anos, o Fundo de Desenvolvimento da Educação e da Cultura, que pretende divulgar a

cultura cubana, algumas artes são mais rentáveis que outras, como a música, e dentro da música, os músicos de salsa, os músicos mais famosos, que fazem os trabalhos mais vendidos, e sempre contribuem com este Fundo, para apoiar outras atividades; boa parte desse fundo é utilizada na literatura infantil.

N – Aqui no Brasil a maioria das crianças só vai ter contato com o livro quando entra na escola. Isso também acontece em Cuba?!

Emilia – A escola é muito importante e muito mais segura nesse contato, na escola o livro é garantido. A criança tem contato garantido com os clássicos cubanos e universais na escola e nas bibliotecas públicas. Como a educação é obrigatória, todas as crianças têm acesso ao livro lá. Mas a escola nunca foi a única via. Como já disse, as vendas são menores, mas continuam existindo, o que se edita se vende. A nossa seção do IBBY realiza atividades com os escritores que estão lançando livros, convidando-os para lerem na nossa sede para um grupo de crianças. Na minha opinião, a escola é sempre uma via mais segura, mas há na família cubana um respeito grande pela literatura, ainda que o pai não leia tanto. É uma tendência grande para a leitura, o escritor merece um respeito social, um carinho, é a coisa mais linda, mais emocionante chegar na escola e a professora te apresentar aos alunos.

N – As crianças gostam de ler? Os livros são baratos?

Emilia – O livro já foi bem mais barato. Voltamos à mesma questão econômica. Antigamente, antes o livro podia custar 25 centavos de peso, às vezes um peso, o que é uma coisa incrível. Livros como *Cem anos de solidão* podiam custar nada, mas agora não é mais assim. Então, durante tantos anos os livros eram quase um presente (do Estado). Este respeito, esse ambiente de leitura existiu; atualmente o livro está um pouco mais caro. Toda gente empresta os livros. Há um hábito em Cuba de se emprestarem os livros. Nos outros países você compra o livro e coloca na sua biblioteca. Nós temos o hábito de emprestar. Quando ganho um livro, depois que termino de lê-lo, vou emprestá-

lo para fulano ou sicrano. Nesta viagem mesmo, conheci livros bastante interessantes, não só para crianças mas para meus estudos, e já sei que quando acabar de lê-los vou emprestar para um ou outro. As crianças cubanas são iguais às outras: elas gostam de ler, e têm fascínio por histórias e livros bem contados. Há um hábito, especialmente na população de terceira idade de contar histórias; os pais – como em qualquer parte – não têm tempo nem de respirar, mas os avós gostam de contar histórias.

N – E a televisão?

Emilia – A televisão tem sempre programas para crianças, que sempre faz referência à literatura, alguns mais específicos, mais dirigidos. Mas sempre nesses programas há uma tendência a falar de literatura. Há uma revista para crianças, *Zum-zum*, que apóia todas as associações municipais, locais de incentivo à leitura.

N – Quais são os autores brasileiros conhecidos em Cuba?

Emilia – Nós temos uma grande avidez. Uma grande necessidade, somos muito abertos para conhecer, para ler todos os autores, especialmente da América Latina, desde os anos 70... Lygia Bojunga, Ana Maria Machado, Marina Colasanti. E agora com estes encontros latino-americanos de literatura infantil e juvenil conhecemos Nilma Lacerda, Bartolomeu Campos Queirós, Rogério Andrade Barbosa, foram festas para nós. Lygia Bojunga é traduzida para o espanhol... É muito bom esse intercâmbio que temos tido nos últimos anos, alguns autores levam para esses encontros seus livros traduzidos para o espanhol; as crianças cubanas conhecem os escritores importantes, mas é triste saber que não é recíproco. Não tem a ver com o carinho, tem a ver com este mundo do mercado, de qualquer maneira, o homem escreve para que o leiam; ainda que você seja conhecida no seu país, é bom saber até que ponto o que você escreve tem outro alcance, um outro nível de universalidade. Para todo escritor, faz falta que o publiquem e o conheçam em outros lugares, ainda que ele seja muito localizado.

N – Quais são suas impressões do Brasil?

continua na próxima página

Emilia – Esta é a primeira vez que eu venho ao Brasil e comprovo o que intuía apenas pelos brasileiros que já conhecia, pela música do Chico, Caetano, Simone, Gal Costa, Betânia; e pela literatura adulta (um modo de dizer que não me agrada): conhecemos Machado, Drummond. Passa-se o mesmo que com os livros: há uma difusão informal, e aparecem na televisão. Conhecemos o Brasil pela cultura. Nós também vemos muitas novelas brasileiras. Não conheço o resto do Brasil, só o Rio de Janeiro. Vou dizer coisas que todo turista diz. Não tenho viajado muito, mas conheço algumas dessas cidades que são ditas mais importantes. Mas eu digo que nada que eu tenha visto se compara com o Rio. O Rio é para mim a cidade mais bonita, bonita no seu estilo. Buenos Aires tem seu encanto, Bogotá tem seu encanto. O Rio é uma cidade tão contrastante, ver a praia e o morro. Eu fui ao Corcovado e parecia que eu estava vendo uma pintura, um cartão postal. E outra coisa importante pra nós é o clima, a gente, este calor humano, esta franqueza.

N– Somos muito parecidos. O clima dos filmes cubanos *Morango e Chocolate* e *Guantanamera* lembra muito o Brasil.

Emilia – Eu caminho muito pelas ruas, e vejo as pessoas, a gente, a cor, a maneira de falar, de gesticular, esta mestiçagem é totalmente cubana, caribenha. Sinto-me muito bem acolhida. Eu estranho um pouco o idioma, mas logo o entendo, é a única diferença... Este é um país especial para nós...

Paixão de ler

Nilma Gonçalves Lacerda

Para o Cavaleiro da Volta e sua filha Rita de Aracaju, que montou o cavalo para ir buscá-lo



Esta é a 6ª edição da campanha Paixão de Ler, uma iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. Helena Severo, Secretária de Cultura do Rio de Janeiro, inspirou-se no projeto *Le fureur de lire* da França para criar uma campanha semelhante aqui.

Notícias convidou a escritora e professora Nilma Lacerda, colaboradora e votante da FNLIJ, para falar um pouco dessa paixão que é a leitura.

A letra é um exagero, dispensável como os cheiros das coisas. O cheiro também é um escândalo. As coisas não precisam de cheiro. Basta a forma, a cor, que a gente suspeite as coisas pelo nome delas, é o bastante. Mas o homem é um ser de desperdício, feito não da terra da necessidade, mas da areia da vontade.

Ele não sabia que traduzia um filósofo, e a verdade é que não traduzia nada que não fosse um pensamento já pensado por muitos antes dele. Pensamento pensado e praticado, estendido por léguas e léguas e léguas de cordel sustentando as folhas para secar, se espanjar ao vento e à vontade do freguês.

Na casa dele, o cordel se guardava nas prateleiras da estante feita com o cuidado de quem prepara a arca para o tesouro. Não havia dia que não pegasse um, dois, três folhetos e se pusesse a ler, primeiro só para ele, mais tarde também para a filha. Sabia as aventuras de cor, tinha prontas e sempre novas na cabeça as cenas preferidas, de dor, regozijo, compaixão, frenesias que davam a volta no mundo sendo as mais inquietantes.

Pra lá de setenta anos, e desde os vinte aquela receita. Não havia dia santo, feriado, morte ou vida nova que o fizesse fugir aos cavaleiros, diabos enganados, mortes vitoriosas, donzelas virtuosas e políticos safados. Fez isso por toda a vida e foi a vida que o interrompeu. O derrame afetou justo a vista e a voz. Em cima da cama, o olho aberto pro teto, caladas as mortes, diabos, donzelas, políticos. Heróis.

Ninguém sentiu mais o desarranjo, o silêncio da voz na casa que a filha Rita. Uma fonte que secou, de repente, sem aviso, e Rita procurava ainda o olho-d'água. Em vão, terra esboroada, areia seca e ardida onde correu seiva e sal.

O mofo da morte nas cortinas da janela, o fio quente da espada passado na carne, Rita não agüentou ficar vendo o cavaleiro parado, na porta do quarto a Vida, a Morte, o velho ele mesmo um folheto, suspenso entre as escolhas. Descobriu que não era donzela nem nada, era um fio de coisas pra contar.

Contou. Uma vez, outra vez. O fio de lágrima correu no canto do olho do pai, ela viu. E continuou a puxar os cordéis da paixão do pai.

O tropel vinha longe ainda, e o ouvido treinado de Rita percebeu. O coração bateu forte, acelerou. Sentada, o coração na boca, viu irromper porta adentro o Cavaleiro da Volta, pelejando contra diabos visíveis e homens invisíveis. Poeira, casco rasgando chão, trinado absurdado de pássaros. Ferro contra ferro, Mal e Bem rolando no campo. A voz do poeta assegurando a justeza da batalha, a voz do pai vindo rouca, e firme, ajudar na descrição, emendar e comentar, como era seu feito.

A vitória vinha vindo cautelosa, a cada dia um pedaço, tantinho de fio pra segurar o boçado de vida se pendurando em cordel. O bocado de vida crescendo, seu Jerônimo sentado na cama, recebendo visita, se levantando da cama, acenando da janela pro cantador a caminho da feira, a provisão no embornal. Decorava ainda os versos frescos, recentes, da história verdadeira de uma Rita de Aracaju, cavaleira destemida que disputou o pai com a Morte e ganhou a guerra e a Vida nessa tal paixão de ler.

Biblioteca

Livros recebidos pelo CEDOP/FNLIJ até agosto de 1998

AMAIS

Frug 0123, Ana Cristina Massa, ilust. Nathalia Sá Cavalcante.

AO LIVRO TÉCNICO

A mula sem cabeça, Anna Claudia Ramos, ilust. Ricardo Azevedo. **Escândalo no galinheiro, o caso dos ovos de ouro!** Amir Piedade, ilust. Anna-Beli Honorio. **Histórias da comadre onça**, Mariza Marquez, ilust. Mariângela Haddad. **Jesus na terra como no céu**, Susi Blulm, ilust. Janey. **Ora pro nobis**, Julio Emílio Braz, ilust. Carlos Chagas. **Perto, bem perto do amor**, Angela Leite de Souza, ilust. da autora. **Vovô parece criança**, Pasqual Lourenço, ilust. Marlene Prestes Moreira.

BLOCH

Contos fantásticos de Machado de Assis, Machado Assis, organizado por Raymundo Magalhães Júnior.

BRINQUE-BOOK.

O aniversário de Nita, Lieve Baeten, ilust. Lieve Baeten, trad. Gilda de Aquino. **Seu corpo em ação**, Anne Cívardi; Ruth Thompson, ilust. Steve Cox, trad. Gilda de Aquino. **Sopa de botão de osso**, Aubrey Davis, ilust. Dusan Petricic, trad. Gilda de Aquino. **Uma torre para o sol**, Colin Thompson, ilust. Colin Thompson, trad. Gilda de Aquino.

CALLIS

Andando por aí, David Le Jars, ilust. do autor, trad. Miriam Gabbai. **Meus amigos animais**, David Le Jars, ilust. do autor, trad. Miriam Gabbai. **Bichos do jardim**, Ana Michaelis; Roseli Tuan Machado, ilust. Ana Michaelis. **A grande aventura: a descoberta do rio Amazonas**, Antônia Dias de Moraes, ilust. Sergio Cajado. **Por quê?** Anna-Clara Tidholm, ilust. da autora, trad. Margareta Svenson. **O que fazer?** Anna-Clara Tidholm, ilust. da autora, trad. Margareta Svenson. **Toc-Toc!** Anna-Clara Tidholm, ilust. da autora, trad. Margareta Svenson. **Questões de amor: 5-8 anos**, Virginie Dumont, ilust. Rosy, trad. Helena Gomes Klimes. **Questões de amor: 8-11 anos**, Virginie Dumont; Serge Montagnat, ilust. Denise e Claude Millet,

trad. Helena Gomes Klimes. **Questões de amor: 11-14 anos**, Virginie Dumont; Serge Montagnat, ilust. R. Slocombe et.al, trad. Helena Gomes Klimes.

EMC

Acalantos, pesquisa de José Mauro Brant, ilust. Ziraldo.

GLOBAL

Amor, amor, amor, Lúcia Fidalgo, ilust. Roger Mello. **A revolta dos guardachuvas**, Sidônio Muralha, ilust. Eva Furnari.

LÊ

Amanhã, na praia, Odette de Barros Mott, ilust. Regina Rennó. **Baú de sonhos**, Elias José, ilust. Sandra Bianchi. **Cabelo de fogo**, Stela Maris Rezende, ilust. Humberto Guimarães. **De duendes e fantasmas**, Ronald Claver, ilust. Cláudia Jussan. **DST/AIDS: conviver sem riscos**, Vera & Valeriano, ilust. Virgílio Vellozo. **Ética, religiosidade e cidadania**, Rosamaria Calaes de Andrade. **O ambiente: uma questão de vida**, Lúcia Ito & Dougival, ilust. Cláudio Martins. **Um lugar chamado céu**, Regina Rennó, ilust. da autora.

LETRAS & LETRAS

O boto e a estrela, Ana Maria Machado, ilust. Ulisses Wensell. **Peter Pan**, José Roberto Caprarole; Paulo Perez, ilust. Freddy Guilherme Galan Aguirre.

MANTIQUEIRA

O ladrão das palavras, Antonio F. Costella, ilust. Eduardo Baptista.

MARY & ELIARDO FRANÇA

A cabra, Naumim Aizen, ilust. Lucas França. **O leitão**, Naumim Aizen, ilust. Lucas França. **Os pingos e a chuva!** Mary e Eliardo França, ilust. dos autores. **Os pingos e as sementes!** Mary e Eliardo França, ilust. dos autores. **Os pingos e o verão**, Mary e Eliardo França, ilust. dos autores. **Os pingos e os amigos**, Mary e Eliardo França, ilust. dos autores.

MERCADO ABERTO

O pássaro cativo, Olavo Bilac, ilust. Leonardo Menna Barreto Gomes.

OBJETIVA

A viagem do descobrimento, Eduardo Bueno, ilust. Ana Adams. **A**

bússola dourada, Philip Pullman, trad. Eliana Sabibo.

PAULINAS

...E o príncipe virou sapo, Ana Suzuki, ilust. Daisy Startari. **A dama pé de cabra e outras histórias**, Sylvia Manzano (adapt.), ilust. Rogério Soud. **A onça e a cabaça**, Daniela Chindler, ilust. Mariana Massarani. **As virações da formiga**, Elias José, ilust. Ciça Fittipaldi. **Brincadeiras na festa junina**, Célia Oshima; Eliane Martinez, ilust. Maria Regina Klein. **Bruninha**, Nelson Albissú, ilust. Roberto Weigand. **Criança e poesia na pedagogia Freinet**, Glória Kirinus. **Gandhi**, Pino Madero, ilust. Carlo Romagnolo, trad. Antonio E. Feltrin. **O macaco e sua viola**, Elias José, ilust. Ciça Fittipaldi. **Uma palavra...tantas palavras**, Regina Costa, ilust. Gê Orthof.

SALAMANDRA

Animais, Maureen Roffey, ilust. do autor. **Comparações incríveis**, Russell Ash, ilust. do autor, trad. Vera Wathely. **Conta de novo a história da noite em que eu nasci**, Jamie Lee Curtis, ilust. Laura Cornell, trad. Cló Franklin. **Cores**, Maureen Roffey, ilust. do autor. **Em casa**, Maureen Roffey, ilust. do autor. **Números**, Maureen Roffey, ilust. do autor. **Qual é o grande segredo?** Laurie Krasny; Marc Brown, ilust. dos autores, trad. Regina da Veiga Pereira. **Quando os dinossauros morrem**, Laurie Krasny; Marc Brown, ilust. dos autores, trad. Luciana Sandroni. **Quando os dinossauros viajam**, Laurie Krasny; Marc Brown, ilust. dos autores, trad. Andréa Jakobson. **Quando os dinossauros se separam**, Laurie Krasny; Marc Brown, ilust. dos autores, trad. Rosa Amanda Strausz. **Um nó na cabeça**, Rosa Amanda Strausz, ilust. Lauren Cardon.

STUDIO NOBEL

A iara, Toni Brandão, ilust. Denise Rochael. **O curupira**, Toni Brandão, ilust. Denise Rochael. **O macaco e o elefante**, Aracy Amaral, ilust. Laurabeatriz. **O saci**, Toni Brandão, ilust. Denise Rochael.

EDIÇÃO DO AUTOR

Kyvvy Mirim, Brígido Ibanhes, ilust. Márcia Széliga.

UM ADEUS A JOSÉ PAULO PAES

O poeta, tradutor e escritor José Paulo Paes morreu no dia 9 de outubro, em decorrência de problemas cardíacos. Paes era um dos principais poetas brasileiros e tradutor em pelo menos oito idiomas. Ganhador de alguns prêmios da FNLIJ: prêmio "O melhor para criança", em 1984, com *É isso ali*, il. Carlos de Brito, Salamandra e em 1991, com *O menino de olho d'água*, il. Rubens Matuck, Ática; prêmio "O melhor livro de poesia" em 1993, com *Lé com cré*, il. Alcy, Ática. Participou da chamada "Geração de 45", movimento literário do qual Ferreira Gullar fez parte.

Esta é uma perda lamentável para a literatura infantil especialmente, pois Paes foi um dos poetas mais talentosos e inovadores, que só começou a escrever para as crianças em 1984. Seus livros

infantis *É isso ali* (Salamandra), *Poemas para brincar* (Ática), *Uma letra puxa a outra* (Companhia das Letrinhas) e *Um passarinho me contou* (Ática), pelo qual recebeu o Jabuti de Melhor Livro do Ano, são alguns exemplos que mostram bem o humor, a inteligência e o espírito brincalhão de Paes.

Em recente entrevista para o *Notícias*, José Paulo Paes, que sempre manteve um vínculo com a FNLIJ, contou que ficou muito contente por ter sido o primeiro autor de literatura para crianças a receber um Jabuti de Melhor Livro do Ano; para ele "isso significa que, pelo menos do ponto de vista dos editores e livreiros, a literatura para crianças chegou à maturidade."

É para terminar um poema do autor que certamente continuará encantando muitas gerações de leitores:

MODÉSTIA

Eu nem queria
voar no 14-Bis
pelo céu
de Paris.
Já ficaria
muito feliz
apenas com
o incrível chapéu
de Santos-Dumont.

(*É isso ali*, Salamandra)

MANTENEDORES DA FNLIJ

Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Berlendis & Vertecchia, BCD União de Editoras, Bloch, Callis, CBL, Cia. das Letrinhas, Clínica Ênio Serra, Compór, Dimensão, Ediouro, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora 34, Exped, Formato, FTD, Global, Griphus, Hamburg Gráfica Editora, José Olympio, Lê, Makron Books, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nestlé, Nova Fronteira, Paulinas, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, RHJ, Salamandra, Saraiva, Scipione, SNEL, Villa Rica.

EXPEDIENTE

Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers • Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Luciana Sandroni • Revisão: Laura Sandroni • Diagramação: Christiane Mello Gestão 1998-2001

Conselho Curador: Maria Antonieta Antunes Cunha, José Bantim Duarte, Altair Ferreira Brasil, Rafael de Almeida Magalhães, Ana Lygia Medeiros, Lilia Maria Alves Conselho Diretor: Regina Bilac Pinto, Marcos Pereira, Laura Sandroni Conselho Fiscal: Maria do Carmo Marques Pinheiro, Terezinha Saraiva, Henrique Luz Conselho Consultivo: Ana Lygia Medeiros, Antonio Carlos Gomes da Costa, Ezequiel Theodoro da Silva, Celina D. da Fonseca Rondon, Edmir Perrotti, Eliana Yunes, Geraldo J. Pereira, José Mindlin, José Raymundo Martins Romeo, Lúcia Jurema Figuerôa, Maria Alice Barroso, Maura Ribeiro Sardinha, Paulo Manoel Protásio, Paulo Rocco, Regina Yolanda, Victor Mussumeci, Wladimir Murtinho. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e
receba mensalmente *Notícias*.
Tel.: (021) 262-9130
e-mail: fnlij@ax.apc.org

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil tel.: (021) 262 9130 fax: (021) 240 6649 e-mail: fnlij@ax.apc.org